

## 4

### Metodologia da pesquisa

Nada de esplêndido jamais foi realizado, exceto por aqueles que ousaram acreditar que algo dentro deles era superior às circunstâncias.

(Bruce Barton)

#### 4.1

##### A natureza da pesquisa

A pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativa (Denzin & Lincoln (2006), e investiga como o significado e as interpretações são construídos no contexto da entrevista de pesquisa.

Escolher uma metodologia para o desenvolvimento de uma pesquisa implica necessariamente na adoção de determinado ponto de vista teórico e analítico em sintonia, de forma a orientar a busca dos dados e sua seleção, bem como a análise e compreensão dos fenômenos que se quer estudar. Partindo desses pressupostos, fiz então a opção por uma abordagem teórico-metodológica de cunho qualitativo e interpretativo.

Bogdan e Biklen (1994) afirmam que a pesquisa qualitativa apresenta algumas características básicas, as quais aponto agora a) permite ao pesquisador uma proximidade maior e mais duradoura com o mundo empírico em seu ambiente natural, visto que, a fonte direta dos dados é justamente esse ambiente; b) busca compreender o fenômeno através do entendimento do todo, não por meio de dados estatísticos ou numéricos; c) considera diferentes pontos de vista, já que todos possuem um significado dentro do contexto discursivo; d) faz a análise dos dados coletados, por meio do método indutivo, em um processo de descobertas paulatino (p.110).

A pesquisa qualitativa encontra-se sólida em suas bases teóricas e metodológicas. Denzin & Lincoln (2006) traçam o seu percurso histórico, apontando os sete momentos mais importantes pelos quais perpassou, são eles: o período tradicional, o modernista ou da era dourada, o dos gêneros (estilos)

obscuros, o momento da crise da representação, o pós-moderno, o da investigação pós-experimental e o momento futuro que diz respeito à época em que estamos vivendo hoje (Denzin & Lincoln, 1994: 17).

O momento tradicional, o primeiro deles, associa-se ao paradigma positivista, fundacionalista; o segundo momento, o modernista ou da era dourada, e o terceiro, o dos gêneros (estilos) obscuros, embora estejam ligados ao aparecimento de argumentos pós-positivistas, adotaram perspectivas qualitativas, interpretativistas. É importante salientar que, na fase dos gêneros (estilos) obscuros, focou-se bastante a área de humanidades, esta representava terreno fértil, tanto para a teoria interpretativista, como para o projeto da pesquisa qualitativa (p. 17).

O pesquisador, na fase dos gêneros (estilos) obscuros, aprendeu a captar conteúdos de disciplinas bastante diferentes, o que favoreceu o surgimento de uma outra etapa: a da crise de representação. Nessa fase, os estudiosos buscaram formas de situarem a si mesmos e a seus sujeitos em textos reflexivos. Formou-se então o grupo dos humanistas que, em busca de novas maneiras, novos métodos para estudar a cultura popular e seus contextos etnográficos e locais, adotaram a perspectiva pelas ciências sociais. De acordo com Denzin & Lincoln, esse fato ocorreu porque esses pesquisadores tinham “a esperança de aprenderem a fazer leituras estruturais e pós-estruturais complexas dos textos sociais” e ainda completa “Com as humanidades, os cientistas sociais também aprenderam a produzir textos que se recusassem a ser interpretados em termos simplistas, lineares, incontrovertíveis” (p.17).

O momento pós-moderno, segundo indicam os autores acima, definiu-se em parte, por um interesse pelos tropos retóricos e literários e, principalmente, pela virada narrativa. Nessa etapa, a pesquisa qualitativa primou pela sensibilidade, pela dúvida e por não colocar em primeiro plano qualquer método ou teoria. No sexto momento da pesquisa qualitativa, o investigativo pós-moderno, os pesquisadores continuaram a se afastar dos princípios funcionalistas, adotando métodos alternativos de avaliação. Após esse momento, surge outro: o momento futuro. É uma etapa bastante significativa, já que convida a área das ciências sociais e as humanidades a transformarem-se em terreno fértil para

discussões críticas que envolvam temas como democracia, gênero, classe, globalização, dentre outros (p.17).

Assumo, nesta pesquisa, o paradigma construcionista de cunho interpretativista, no âmbito da entrevista de pesquisa, em que entrevistador e entrevistados “trabalham juntos na criação das compreensões” (Denzin & Lincoln, 1994: 17).

#### 4.1.1

##### **Entrevista de pesquisa**

Optando por uma abordagem de cunho qualitativo, elegi, portanto, a entrevista de pesquisa (Gaskel, 2003: 65) como forma mais adequada para atingir os objetivos propostos neste trabalho de pesquisa. Realizei entrevistas individuais com os participantes. No contexto das entrevistas, faço a análise mostrando como as identidades discursivas são construídas no diálogo entre entrevistadora e entrevistados, na relação entre as perguntas/ respostas, nos movimentos (Goffman, 1981:52) que aí se instauram, e procuro fazer as interpretações nas ordens micro e macro do discurso (Ribeiro e Pereira, 2008).

Para Mishler ([1986] 1991:vii: 35), a entrevista de pesquisa não representa apenas um instrumento metodológico; é um evento de fala, na acepção de Hymes (1972), com formato moldado por respostas a perguntas, em uma construção conjunta entre entrevistado e entrevistador, sobre o que falam um para o outro.

Baker (2001) desenvolve seu estudo com foco em entrevistas, do ponto de vista etnometodológico e comenta que, nesta perspectiva, não se trata de apenas coletar dados (p. 777-78). Entrevistas não são apenas técnicas de obtenção de informação, mas um evento da fala-em-interação (Hymes, 1972), com a produção de identidades situadas.

Baker (2001:777-779) apresenta cinco passos centrais para a prática da entrevista de pesquisa os quais passo a explicitar. Inicialmente, precisamos vê-la como um processo interacional, por isso mesmo, deve-se observar passo a passo o seu desenvolvimento, as relações que se formam e as mudanças de turno dos participantes, bem como a forma como eles se orientam para os turnos seqüenciais.

O segundo passo é saber que as entrevistas não se constituem apenas em atividades de relato, elas abarcam também outros procedimentos, tais como avaliações, considerações, explicações, atribuições e descrições dos participantes, caso os participantes queiram fazê-lo (Baker, 2001:781). Nesse contexto, os participantes são membros que categorizam e são categorizados. Os turnos, por sua vez, tanto produzem quanto são sensíveis ao contexto em que se inserem as entrevistas.

O terceiro passo refere-se ao próprio processo de categorização na entrevista. Os significados que se constroem durante as trocas conversacionais ocorridas durante o evento entrevista são ricos em relações entre categorias, bem como entre as trocas conversacionais e as atividades (p.783).

O quarto passo relaciona-se à própria construção de identidades. Em uma entrevista, por exemplo, quando o assunto é o próprio entrevistado e não algo que ele tenha presenciado, o participante pode ser entrevistado em termos de seu pertencimento em uma dada categoria (p. 786).

O quinto e último passo é o principal deles e consiste nas visões de mundos que são expressas durante o evento entrevista. Durante esse momento, baseados em seu raciocínio prático, em seus esquemas de conhecimento, os participantes narram ou descrevem seus mundos, podendo ser estes verdadeiros ou não (p.790).

Ao optarmos pela prática da entrevista, devemos ter em mente que a ordem social desse evento não pode ser pré-fixada pelo pesquisador; o evento entrevista se constrói juntamente com a interação entre os indivíduos (p.792).

Contribuindo com as discussões, Rocha et al. (2004) destacam que a entrevista de pesquisa não pode ser considerada como simples ferramenta capaz de conduzir o entrevistador à verdade do entrevistado, mas sim como um dispositivo enunciativo de diversas outras vozes, as quais merecem relevância durante o evento entrevista (p. 1-2)

Para Rocha et al. (2004), a entrevista de pesquisa perpassa por três etapas diferentes: o momento de preparação, o momento de realização e o momento posterior à entrevista. Na primeira etapa, o entrevistador, já com os objetivos previamente traçados, e com certo conhecimento acerca do entrevistado, elabora um roteiro prévio que o norteará durante a realização da entrevista. No segundo

momento, o da realização da entrevista, o roteiro se atualizará constantemente durante o processo interacional. Na terceira e última etapa, o pesquisador poderá iniciar o seu trabalho, pois já terá um *corpus* para analisar a partir do material coletado (p.13).

#### 4.1.2

##### **Procedimentos de coleta dos dados**

Para a coleta dos dados e composição do *corpus* da pesquisa, utilizei o procedimento da entrevista de pesquisa individual. Os nomes dos alunos informantes da pesquisa são fictícios. A escolha das participantes Sílvia e Vitória ocorreu de acordo com os procedimentos expostos a seguir. Durante as aulas de Língua Portuguesa, no final do mês de março de 2006, ao tratar do tema variação lingüística, tanto na escola de Valparaíso quanto na escola da Cidade Ocidental, eu mostrava que as diferenças na língua aconteciam em decorrência de diversos fatores: políticos, sociais, históricos, estéticos. Os alunos então iniciaram uma discussão e, muito rapidamente, percebi como as duas alunas supracitadas se auto-criticavam e sentiam-se incomodadas com as críticas que os colegas faziam em relação ao modo de falar do goiano.

A partir do ocorrido e, com o intuito de saber as origens dos alunos de cada uma das duas turmas de 9º ano nas quais eu lecionava, iniciei um processo de sondagem. Para atingir meu objetivo, providenciei, para a aula da semana seguinte, nas duas escolas, uma pequena dinâmica: o primeiro aluno da fila, próxima à minha mesa, deveria direcionar-se ao colega que se sentava atrás, dizer o seu nome, a cidade e o estado onde havia nascido (ex: “Meu nome é Joaquim, nasci na Cidade Ocidental, no estado de Goiás”). O colega seguinte repetiria para o outro que se sentava logo atrás o que Joaquim dissera anteriormente e também se apresentaria da mesma forma (ex: “O nome dele é Joaquim, nasceu na Cidade Ocidental, estado de Goiás. Meu nome é Pedro, nasci em Valparaíso, estado de Goiás”). E assim foi feito sucessivamente até que todos da sala pudessem falar. O último aluno da última fila a participar da brincadeira deveria dar conta do nome de cada colega da turma, cidade e estado onde cada um nascera.

Desde o início da atividade, os participantes foram informados de que, caso não conseguissem acertar nas falas, caso cometessem qualquer deslize, no final da dinâmica, deveriam pagar uma prenda: dançar, cantar, pular, imitar bichos, contar piada, imitar um político em época de campanha eleitoral, etc. Todos gostaram muito da brincadeira, inclusive os mais tímidos.

Terminada a dinâmica, passei a perguntar o que cada um pensava sobre o lugar em que havia nascido, pois precisava descobrir realmente quem tinha o perfil que eu procurava. Em decorrência de serem as alunas que mais vergonha tiveram em dizer que eram goianas e que mais críticas fizeram em relação à nacionalidade de si mesmas, optei por Vitória, na escola da Cidade Ocidental, e por Sílvia, na escola de Valparaíso.

Três semanas antes da realização das entrevistas, mais especificamente na primeira quinzena de abril de 2006, fiz o convite a ambas. Combinamos então o dia, a hora e o local para nossa conversa. Uma semana depois, no período matutino, a partir da 8:00 h, no auditório do Colégio Santo Antônio, situado na Cidade Ocidental, fizemos as gravações. Antes de começar a gravar, tentei ficar um pouco mais à vontade no sentido de deixar também à vontade as participantes, o que foi um pouco difícil, pois sou meio tímida. Havia um roteiro preparado previamente, porém, durante a realização das entrevistas, houve algumas mudanças. Muitas perguntas surgiram a partir do direcionamento dado pelas próprias entrevistadas. Primeiramente, gravei com Sílvia, depois com Vitória. Cada entrevista durou cerca de 15 minutos. As gravações ocorreram no mês de maio de 2006.

Quanto aos outros dois participantes, Ana e Júnior, a escolha aconteceu por acaso. Ao saberem do meu trabalho, uma vez que éramos muito amigos, e nos víamos com frequência, ofereceram-se para participar das entrevistas. Como já não estudavam mais na escola em que eu trabalhava na Cidade Ocidental, marcamos as gravações para uma manhã de domingo, no Bosque Chico Mendes, situado também na cidade supracitada, pois era um ambiente tranquilo e aconchegante, que, com certeza, iria contribuir para nos deixar mais tranquilos.

A preparação da entrevista ocorreu da mesma forma que ocorreram a preparação das entrevistas com Sílvia e Vitória. Houve um roteiro prévio, o qual foi modificado em função do que Júnior e Ana respondiam e com um detalhe a

mais: os dois eram muito falantes, mais inteirados sobre o assunto, principalmente o Júnior. Antes de iniciar as entrevistas, conversamos sobre assuntos diversos. Depois começamos a gravação. Inicialmente, gravei com Ana, depois com Júnior. Cada entrevista durou também, aproximadamente, 15 minutos.

As gravações com Ana e Júnior ocorreram em março de 2007. Nas quatro entrevistas, utilizei um pequeno gravador e uma fita cassete. O som não ficou muito bom, mas foi ainda possível fazer a transcrição dos dados.

Os dados foram transcritos de acordo com as convenções de transcrição baseadas nos estudos de (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974); (Atkinson e Heritage, 1984), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987), Tannen (1998) e Gago (2005), no âmbito da Análise de Discurso.

## 4.2

### **Participantes da pesquisa**

O estudo em questão contou assim com a participação de quatro alunos que estudaram ou ainda estudam em escolas públicas e particulares, situadas em duas cidades goianas localizadas na região do entorno do Distrito Federal: Cidade Ocidental e Valparaíso. Para preservar a identidade dos informantes, dei-lhes nomes fictícios: Sílvia, Vitória, Ana e Júnior. Todos foram meus alunos, durante um longo período, dois deles, no caso das informantes Sílvia e Vitória, ainda o são na atualidade.

#### **Entrevistada 1**

A primeira entrevistada recebeu o nome fictício de Sílvia, tinha, na época da realização da entrevista, 14 anos de idade, nasceu em Cidade Ocidental – Go, cursava ainda o 9º ano do ensino fundamental em uma escola particular de Valparaíso de Goiás. Os pais são do Rio de Janeiro. Vieram para o entorno de Brasília em busca de melhores condições de vida. A entrevista encontra-se no anexo II.

## **Entrevistada 2**

A segunda entrevistada recebeu o nome fictício de Vitória, na época da entrevista, tinha também 14 anos de idade, cursava o 9º ano do ensino fundamental, em um colégio particular, localizado em uma cidade goiana no chamado entorno de Brasília, mais especificamente na Cidade Ocidental, Goiás. A mãe é carioca e o pai de Minas Gerais, ela nasceu em Valparaíso, cidade goiana próxima à Brasília, porém reside em Cidade Ocidental. A entrevista encontra-se no anexo III.

## **Entrevistada 3**

A terceira entrevistada tem o nome fictício de Ana. Na época da entrevista, tinha dezenove anos de idade, cursava o 3º Semestre do curso de Letras em uma faculdade da região. Mora em Cidade Ocidental, entorno de Brasília, há oito anos. Durante grande parte de sua vida, morou com os pais em cidades do interior de Goiás. Quando veio morar na Cidade Ocidental, tinha dez anos de idade, cursava a 5ª série do ensino fundamental. Os pais se mudaram para Cidade Ocidental para trabalhar. O pai é gerente de vendas em uma empresa situada no Porto Seco do Distrito Federal, a mãe é professora de Português em escolas públicas e particulares da Cidade Ocidental. A entrevista encontra-se no anexo IV.

## **Entrevistado 4**

O último entrevistado, na época da gravação, contava vinte e dois anos de idade, recebeu o nome fictício de Júnior. É formado em Relações Internacionais em uma faculdade situada em Brasília-DF. Atualmente, presta serviços a uma empresa do conglomerado Banco do Brasil. É falante, expansivo e se expressa muito bem. Nasceu em São Francisco, cidade do interior goiano. Veio para Cidade Ocidental em 1998. O pai, na época, trabalhava como bancário em uma cidade do interior do estado, como foi transferido, Júnior precisou acompanhá-lo. Quando chegou à Cidade Ocidental, matriculou-se em uma escola pública e estudou nela até concluir o ensino médio. A entrevista encontra-se no anexo V.